

A UTILIZAÇÃO DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA) COMO MECANISMO INOVADOR DO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA

Edna Ferreira da Silva Marinho¹
Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso²

RESUMO: Este artigo científico tem como propósito comprovar que o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é um mecanismo inovador capaz de favorecer o processo de ensino-aprendizagem na educação básica pública não só no letramento digital, mas também servindo como aporte à alfabetização e/ou letramento na língua materna, por entender que a educação tem a responsabilidade de habilitar o indivíduo às exigências da era digital, promovendo sua autonomia como sujeito social. Solidificando a discussão, foram utilizados pensamentos de teóricos conceituados no assunto e entrevista com professores da rede pública de ensino. Percebeu-se que as hipóteses apresentadas foram comprovadas e que precisam ser colocadas em prática, contudo há um longo caminho a ser percorrido para que as políticas públicas avancem para a melhoria da infraestrutura das escolas e da capacitação dos profissionais da educação, sobretudo dos professores com as novas tecnologias.

340

Palavras-chave: Tecnologia. Letramento. Educação Pública. Professores. Estudante.

ABSTRACT: This scientific article aims to prove that the Virtual Learning Environment (VLE) is an innovative mechanism capable of favoring the teaching-learning process in public basic education, not only in digital literacy, but also serving as a contribution to literacy and/or literacy. in the mother tongue, understanding that education has the responsibility of enabling the individual to meet the demands of the digital era, promoting their autonomy as a social subject. Solidifying the discussion, thoughts from renowned theorists on the subject and interviews with teachers from the public education network were used. It was noticed that the hypotheses presented were proven and that they need to be put into practice, however there is a long way to go for public policies to advance towards improving the infrastructure of schools and the training of education professionals, especially teachers with the new technologies.

Keywords: Technology. Literacy. Public education. Teachers. Student.

¹Licenciatura Plena em Letras, Pós-graduada em Língua Portuguesa - Visão Interdisciplinar. Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim (FABEJA), Aluna do Mestrado em Ciências da Educação da Veni Creator Christian University.

²Orientador do Mestrado em Ciências da Educação da Veni Creator Christian University.

1. INTRODUÇÃO

O ser humano é, sem dúvida, capaz de se adaptar às mais diversas situações que a vida lhe impõe seja ela econômica, emocional, cultural, geográfica etc. Não seria diferente ao se deparar com a era digital, isso porque a sociedade contemporânea, mais enfaticamente no período da pandemia de Covid 19, teve que se adequar à realidade de que viver, sobreviver e conviver com o próximo deveria ser, sob muitos aspectos, de modo virtual. Isso foi um grande desafio inclusive para a área da educação. O indivíduo, no período pandêmico, precisava interagir, sendo assim, os recursos tecnológicos cumpriram bem o seu papel. Daroda (2012) dá ênfase às tecnologias entendendo serem mecanismos de socialização, bem como meios eficazes de informação, estímulo e convívio que, por sua vez, trazem à tona o visual e o lúdico, recriando significados e maneiras de utilizá-las.

Para que o ensino nas escolas acontecesse, foi necessário fazer uso da tecnologia e, para tanto, o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) foi de extrema relevância. Este texto discorre sobre o papel da tecnologia na educação, o conceito do AVA, suas características e importância para o ensino-aprendizagem dos estudantes da educação básica pública no que se refere ao letramento digital, bem como acredita que o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é um suporte didático de incentivo ao letramento da Língua Portuguesa Brasileira, visto que potencializa o conhecimento, as descobertas e a capacidade de interação e aprendizagem, desde que os professores sejam treinados para utilizá-lo como ferramenta pedagógica.

Segundo Ribas (2008) os docentes devem ser conhecedores e desejosos de desenvolver, ampliar e estimular o uso das novas tecnologias na sala de aula, adequando-se à nova roupagem da educação, uma vez que, na atualidade, aqueles que querem acompanhar o pensar social não podem se negar ao mundo da internet, e, sendo assim, buscar sólidos subsídios para realizar seu trabalho com maestria.

Subsidiando esta pesquisa foram utilizados pensamentos de autoridades nesse assunto, como exemplo, Maria Elizabeth Bianconcini Almeida, Renata Maria Silva Costa, José Manuel Moran, José Armando Valente, Pierre Lévy, dentre outros. Também foram realizadas entrevistas com professores da rede pública de ensino para detectar o seu grau de conhecimento sobre o AVA e suas opiniões sobre a utilidade deste como um método pedagógico coerente ao letramento digital bem como à alfabetização na língua portuguesa brasileira.

2. A EDUCAÇÃO E A TECNOLOGIA

A educação tem o poder de mudar um indivíduo no sentido de torná-lo capaz de ser um agente social transformador, atuante e incentivador do progresso no meio em que habita.

A Constituição Federal Brasileira, no capítulo III, artigo 205 diz:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Considerando essa lei, as constantes mudanças e anseios sociais do mundo contemporâneo, não há a possibilidade de separar o presente contexto educacional do uso da tecnologia, uma vez que esta possibilita uma vasta variedade de informações instantâneas que bem usadas e distribuídas são fontes de progresso e desenvolvimento. Com um simples manuseio de uma tela de computador ou celular, pessoas estão enviando e recebendo informações, interagindo com outros seja perto ou distante de onde residem, aprendem com outras culturas, fazem negócios e podem estar próximos, mesmo que fisicamente longe, graças aos mecanismos tecnológicos. Strey e Kapitanski (2011, p. 55), citados por Vasquez e Vilaça, em um diálogo sobre a tecnologia, afirmam que:

Nunca se falou tanto em tecnologia como nas últimas décadas. Seu desenvolvimento tem permitido a existência não de uma nova ciência, mas de uma nova cultura. O progresso e as inovações tecnológicas provocam mudanças rápidas no modo de vida da sociedade, nas formas de educar e aprender, nas concepções de ensino e nas qualificações. Além de simples mudanças, essa chegada tecnológica tem se caracterizado como um fenômeno que muitas vezes, impõe à sociedade moderna hábitos e comportamentos diferentes, transformando a relação do ser humano com o outro, com o meio ambiente e consigo próprio.

Lévy (1999) concorda com esse pensamento de Strey e Kapitanski ao dizer que processos de inteligência coletiva têm um desenvolvimento eficaz em razão do ciberespaço por ele propiciar o aceleração da mudança tecnossocial e isso enfatiza a necessidade de participação ativa na cibercultura, caso contrário não se pode acompanhar a sociedade atual cada vez mais tecnológica, causando o problema da exclusão radical daqueles que não se adequem às mudanças digitais por não buscarem compreendê-las nem se apropriarem delas.

Assim sendo, a vida na sociedade contemporânea está intimamente enlaçada aos avanços tecnológicos, pois a agitação do dia a dia, as inúmeras responsabilidades, o desejo e a necessidade de otimizar o tempo fazem com que pessoas, até mesmo das classes populares, façam esforços para a aquisição de, no mínimo, smartphones com acesso a internet, no intuito de incluírem-se no meio digital. Mas vale pontuar que boa parte da população de

baixa renda ainda não tem acesso a web³. Esse fato contradiz a Constituição Brasileira quando diz que educação é direito de todos e o Estado deve promovê-la, pois a educação escolar contemporânea engloba conhecimentos e habilidade digitais, e isso ainda não está acontecendo nas escolas.

Em comum acordo com essa maneira de pensar, Valente (2018) ressalta que a escola está caminhando no atraso porque, embora reconheça que se vive a era digital, com todos os seus avanços e dinamismo, continua a passos lentos, ainda na educação tradicional, com professores transmitindo um currículo adequado à mesmice da escrita. Então é perceptível que esse erro prejudica grandemente aqueles que anseiam fazer a diferença na educação, acompanhando o ritmo do mundo digital. Portanto, na perspectiva de uma práxis Ramal (1999) garante que novas regras ou maneiras de enxergar e compartilhar informações estão emergindo no sistema educacional: a escrita que hoje é utilizada difere da existente há poucos anos e está deixando o papel para incorporar-se ao virtual e, diante disso, até o tempo e o espaço físico ficam cada vez mais relativos, trazendo mudanças significativas.

Como a educação também é responsável pelo desenvolvimento dos estudantes no aspecto profissional, é urgente que as autoridades educacionais tomem posição a favor de uma educação capaz de oferecer a tecnologia e os meios adequados à sua utilização, favorecendo o letramento digital de forma igualitária, uma vez que essa formação é um dos caminhos às futuras profissões. Políticas públicas educacionais bem direcionadas para fortalecer o surgimento do tecnológico para os estudantes e professores da educação básica pública são inadiáveis visto que a era digital é um fato.

Não é suficiente apenas a existência de internet, computadores, tablets, reconhecimento facial e diário eletrônico, dentre outros, se a escola não tem uma infraestrutura que favoreça o letramento digital de professores e estudantes da Educação Básica Pública. Sob a visão de Valente (2015) o foco ainda está no professor como detentor do conhecimento que, por conseguinte, repassa-o ao aluno na sala de aula tradicional, tornando-se responsável por sua aprendizagem.

Nesse sentido, pensando no professor, por ser o agente mediador do conhecimento na sala de aula, Almeida (2007) concorda que educadores devem receber um treinamento

³Segundo o site significados.com.br/web/, Web é uma palavra inglesa que significa teia ou rede. O significado de *web* ganhou outro sentido com o aparecimento da internet. A *web* passou a designar a rede que conecta computadores por todo mundo, a World Wide Web (WWW). Significa um sistema de informações ligadas através de hipermídia (hiperligações em forma de texto, vídeo, som e outras animações digitais) que permitem ao usuário acessar uma infinidade de conteúdos através da internet.

que os assegure competência ao trabalhar com as tecnologias que a eles são expostas para que aprendam a utilizá-las quando surge a necessidade no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, unindo teorias da educação ao uso da tecnologia de maneira consciente e proveitosa. Em apoio às palavras de Almeida, Freire (1996, p. 21) sustenta:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Agindo assim, também irão favorecer o letramento dos educados na compreensão e na interpretação de textos variados da sua língua materna, pois sendo o digital atraente a pessoas de todas as faixas etárias, pode-se unir o útil ao agradável para atingir o desejado que, no caso, é o letramento digital do indivíduo e a alfabetização daqueles que por vários motivos ainda não conseguiram dominar a leitura e a escrita, no intuito de promovê-los a agentes ativos e significativos da sociedade na qual são partícipes.

Entretanto, para que isso seja possível é necessário um esforço contínuo para aumentar a autoestima do professor para que este perceba a sua importância no aprendizado dos estudantes e que é insubstituível nesse processo visto que as tecnologias não transmitem afetividade, empatia, companheirismo etc.. Fonseca, Alves e Magalhães Citam Moran (2015^a, p.1) para concordar com essa fala, ao dizer:

Encontramos nas instituições educacionais um número razoável de professores que estão experimentando estas novas metodologias, utilizam aplicativos atraentes e compartilham o que aprendem em rede. O que predomina, no entanto, é uma certa acomodação, repetindo fórmulas com embalagens mais atraentes, esperando receitas, num mundo que exige criatividade e capacidade de enfrentar desafios complexos. Há também um bom número de docentes e gestores que não querem mudar, que se sentem desvalorizados com a perda do papel central como transmissores de informação e que pensam que as metodologias ativas deixam o professor em um plano secundário e que as tecnologias podem tomar o seu lugar.

O verbo acomodar, quando se refere ao sujeito mediador do conhecimento na sala de aula e fora dela: o professor, não deve existir no seu dicionário, pois a falta de informação e habilidade fará com que seja desvalorizado na sociedade e por seus alunos. Capacitar-se para a utilização das novas tecnologias e usá-las com coerência e equilíbrio nas suas aulas não trará nenhum prejuízo, ao contrário, favorecerá tanto o educador quanto o educando, por atender as suas expectativas; as do professor em cumprir com suas responsabilidades e as do aluno por participar ativamente do seu processo de aprender com prazer e satisfação.

3. CONCEITUANDO E DISCUTINDO O AVA

O AVA é um ambiente virtual de aprendizagem, cujo objetivo é fazer com que os estudantes, mesmo que virtualmente, possam se sentir o mais próximo possível na sala de aula real, onde encontram disponível uma variedade de ferramentas de ensino, além de possibilitar que os professores interajam com seus alunos por meio da internet, bem como compartilhem materiais de apoio às aulas.

Nessa mesma visão, Almeida (2004) e Pereira (2007) conversam. Este, ao falar do AVA como mídia que utiliza o ciberespaço como veículo de conteúdos diversos, possibilitando interação entre os envolvidos no processo de educar; aquele, ao falar que um AVA remete a sistemas de computador, criados como aportes para atividades cuja execução só é possível por meio das tecnologias de informação e comunicação, pois podem integrar multimídias e variados recursos, organizam bem as informações, possibilitando que um indivíduo interaja com objetos de conhecimento para atingir seus alvos.

No Ambiente Virtual de Aprendizagem o estudante é capaz de se desenvolver com mais autonomia e criatividade; visto que propicia aulas mais dinâmicas, motivadoras e no conforto do lar. Nesse ambiente, é possível encontrar exercícios, provas, conteúdos em formatos multimídias e assim por diante. Mas para que a aprendizagem aconteça o mediador do conhecimento deve instigar o interesse do seu público-alvo para fazer uso constante dessa metodologia inovadora. Consoante com esse pensamento Costa (2014, p. 57) diz que:

O papel principal da interface é proporcionar uma comunicação simples entre o usuário final e um sistema complexo. Esse processo envolve transformar as questões técnicas de desenvolvimento de software em situações abstratas, fazendo com que o usuário não tenha preocupações relacionadas aos cálculos, códigos de programação, acesso a banco de dados ou qualquer outra tarefa que o remeta a recursos e características que o faça perder o interesse em interagir com o sistema.

Os AVA's surgiram para suprir as necessidades da sociedade contemporânea no que diz respeito a um novo paradigma educacional que transpassa a sala de aula em busca de múltiplas competências. Citelli (2006) afirma essa transformação no processo de ensinar e aprender ao dizer que a sala de aula passa por uma transformação evidente de um espaço que antes era de mero repasse tradicional de conteúdos da educação formal para um ambiente mais significativo composto por mensagens signos e códigos que vão além das possibilidades do ensino formal.

Quanto aos estudantes, é necessário, além de interligar conteúdos programáticos ao uso da tecnologia através da web, prepará-los para uma utilização equilibrada e coerente com o momento de aprendizagem para que a internet seja uma aliada ao processo de letramento

não só digital, mas também em letrar na língua portuguesa brasileira, diante das possibilidades não apenas de contato com os mais variados gêneros textuais, mas também por meio do dinamismo, que por sua vez trabalha diferentes habilidades que fazem dos professores e estudantes seres competentes digitais.

Ferreiro (2010) confirma que a única maneira de permitir que uma criança ou adulto aprenda a respeito de certo objeto do conhecimento é dar-lhe permissão de entrar em contato ou que interaja com esse objeto. Sendo assim, é impossível aprender sobre ferramentas tecnológicas apenas na teoria; a prática é essencial à aquisição da habilidade no uso da tecnologia que atualmente é indispensável.

Caso não se tenha um equilíbrio no manuseio de dispositivos digitais e da internet, o que poderia ser de grande valor e avanço nos mais variados aspectos da vida social, cultural, econômica e profissional, ocasionaria dependência, acomodação e retrocesso. Consoante com esse discurso Araújo, citado por Rocha, assinala:

O termo tecnologia remete-nos à evolução, progresso e comodidade. Na história da humanidade constatam-se vestígios de uma tecnologia rudimentar, necessária para a realização de tarefas essenciais para a sobrevivência do ser humano. O avanço tecnológico de forma progressiva influenciando a vida das pessoas, transformando o homem e sua cultura. No entanto, a compreensão do conceito vai além dos encantamentos que ela oferece. A dependência da tecnologia e o seu uso hiperbólico podem apresentar algumas ambivalências, isso significa que possa servir tanto para boas quanto para más ações. (ARAÚJO, 2017, pag. 921.)

Porém, pelo menos nas escolas de Educação Básica Pública, tais avanços ainda não são reais, pois, iniciando pelos estudantes, como maioria, não têm condições econômicas de utilizarem os meios digitais a contento e as autoridades, isto é, o poder público também não faz desse assunto uma prioridade educacional, embora existam leis que garantam o direito à tecnologia no ambiente escolar. Por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394 de 1996), relata no inciso II do artigo 32:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: [...] II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. (BRASIL, 1996).

Ao elencar a tecnologia como fator relevante à formação do cidadão, esse artigo da LDB reforça a responsabilidade das autoridades educacionais em promover meios eficazes para que os estudantes das instituições públicas de ensino não sejam prejudicados no que se refere à inserção de conteúdos e conhecimentos tecnológicos. Portanto, os AVA's, se inseridos como estratégias pedagógicas, proporcionarão as condições necessárias para dar autonomia ao cidadão quando este se deparar com as exigências da sociedade digital.

4. O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM AUXILIA NO LETRAMENTO

É comum observar crianças bem pequenas em contato com a internet em aplicativos que as distraem do mundo real. Isso pela razão de que as novas tecnologias são fascinantes. Desenhos animados, filmes, músicas, jogos e ambientes bem coloridos prendem a atenção delas. Com o passar do tempo, essas crianças avançam em conhecimento de mundo e, portanto, querem atingir novos alvos, têm outras necessidades, continuando a utilizar os meios digitais por perceber sua utilidade e a rapidez com a qual têm acesso a informações e a conteúdos do seu interesse. Diante desse fato, o professor fará bem em aproveitar para interligar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) a sua metodologia, tornando as aulas mais agradáveis e inovadoras.

Todo educador comprometido com sua profissão anseia ver seus alunos avançarem à maturidade cognitiva, por isso se esforçam para conhecerem métodos pedagógicos mais dinâmicos e atrativos para servirem de apoio nas suas aulas. Isso é elogiável, pois demonstram empatia por aqueles que não estão conseguindo avançar nos conhecimentos referentes aos conteúdos programáticos. E como avançar se não dominam a leitura? Impossível! Medeiros (2009) reconhece que o caminho para que se atinja o conhecimento e se amplie a visão de mundo de modo a enxergar com clareza a realidade a qual se vive, só é plausível mediante a leitura.

347

Portanto, o ensino qualitativo e igualitário é uma responsabilidade, sobretudo da escola contemporânea. As novas tecnologias podem servir como aportes motivacionais para os alunos, especificamente, para aqueles com fragilidade no aprendizado da língua portuguesa, ou seja, que ainda não conseguiram ser alfabetizados porque chamam a atenção de pessoas de todas as faixas etárias pela rapidez nas informações, pelos conteúdos variados, pela possibilidade de interação com várias pessoas ao mesmo tempo, por apresentar uma variedade de jogos etc.

Em um AVA, o estudante tem contato com todas essas maneiras diferentes de alcançar o conhecimento e a habilidade leitora, no entanto, o professor deve refletir não só no que ensinar, mas também no como ensinar usando esse mecanismo digital para que a tecnologia não seja utilizada apenas como passa tempo, e sim alcance o objetivo para a qual foi utilizada, pois ela, por se só não favorece o conhecimento. Sua presença não tem sentido, se não for bem usada.

O educador deve entender que, segundo Queiroz e Moita (2007):

[...] o ponto de partida no processo formativo do aluno seja a reflexão da prática social, ponto de partida e de chegada, porém, embasada teoricamente. Entende que não basta repassar conteúdo escolar que aborde às questões sociais. Complementa que se faz necessário, que os alunos tenham o domínio dos conhecimentos, das habilidades e capacidades para interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe.

O AVA tem se mostrado, em larga escala, capaz de favorecer essa autonomia ao estudante por ser uma ferramenta digital que possibilita o acesso a inúmeras informações por meio de estratégias variadas e simultâneas que o capacita construtor do seu conhecimento mediado por um professor que, além de habilitado no trabalho didático com os meios digitais, é um incentivador das descobertas. Reforçando essas palavras Moran (2000) interage conceituando a internet como uma mídia facilitadora em motivar os alunos não apenas por ser uma novidade, mas também pelas infinitas possibilidades de pesquisa, porém que muito depende do professor fazer com que essa motivação seja ampliada se este propiciar confiança, se ele for aberto ao novo e ao diálogo e estiver disposto a ajudar, uma vez que o poder da comunicação e a confiabilidade dos alunos na sua fala facilita o processo de ensinar e aprender mais que a tecnologia em si.

O pensamento de Moran casa com as palavras de Ferreira (2010, pág. 25) sobre a possibilidade de alfabetizar crianças:

As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais).

O AVA possibilita esse engajamento com o contexto social atual. Faz parte do dia a dia infantil o contato com o digital. Para as crianças é prazeroso estar com um smartphone, um tablete ou qualquer outro dispositivo digital, por isso é interessante introduzir a criança no ambiente virtual de aprendizagem não apenas como ouvinte, mas também criando oportunidades para exercitar a escrita de acordo com sua capacidade para o momento. Freire (1996, p. 19) relata a importância da aceitação responsável do novo com estas palavras:

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico.

O AVA é novo, moderno e dinâmico, deve ser usado com coerência, cautela e planejamento, não somente porque é novo. O professor desejoso de ensinar com êxito tem que se expor ao risco; ao risco de aprender a ensinar usando o virtual e oportunizar a todos um aprendizado igualitário e formativo.

Permitir que desde a educação infantil os estudantes tenham contato com os meios digitais na escola para fazer dessa prática uma metodologia de ensino, provavelmente à aquisição da alfabetização e/ou letramento na língua materna, além do letramento digital, fluirá com mais rapidez visto que a internet, por meio de diversos aplicativos abre um leque de possibilidades ao conhecimento.

Diante disso, Lévy (2008) acrescenta dizendo que os relacionamentos humanos na era digital com respeito ao trabalho e a sua própria inteligência dependem da mudança constante nos meios informacionais e diversos. Ao falar do avanço da informática, associa o a aprendizagem, a leitura, a escrita, a visão a audição e a capacidade de criar. Por este ângulo, fica evidente que usar o AVA para interligar objetivos do campo informatizado a alfabetização e/ ou letramento da língua portuguesa do Brasil é um ação inteligente e desafiadora. Cabe ao educador insatisfeito com a realidade ser a ponte que interliga esses conhecimentos e o aluno.

5. DIALOGANDO COM OS RESULTADOS OBTIDOS NAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

Ao serem indagadas sobre a relevância da tecnologia para a educação básica pública, as professoras⁴ Rute, Débora e Francisca tiveram o mesmo entendimento de que a tecnologia, desde que usada com equilíbrio e coerência ao momento didático-pedagógico, é de suma importância, porque se vive em um novo contexto social. Diante do advento da informatização, houve significativas mudanças nos modos de ensinar e de aprender, com isso há a necessidade de uma adequação do ensino aos meios tecnológicos. Rute ainda falou que as novas tecnologias requerem das instituições de ensino, bem como dos professores novas posturas nas suas práticas docentes.

Débora salientou que é necessário que os alunos sejam orientados de que os recursos digitais podem levá-los a conhecimentos pedagógicos para além dos livros. E Francisca fez trazendo à discussão que os Documentos Oficiais da Educação: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Plano Nacional de Educação (PNE), dentre outros sinalizam de forma significativa que o processo educacional precisa está em consonância com os recursos tecnológicos.

⁴Para preservar a identidade das professoras entrevistadas, seus nomes foram mudados.

Ambas também concordaram que é de responsabilidade da escola preparar os estudantes para o uso eficaz da tecnologia. Débora disse ainda que, quando inserida, a instituição de ensino deve fornecer apoio e subsídios necessários para que os alunos façam uso inteiramente pedagógico e responsável dessa ferramenta. Francisca apoiou ao dizer que, Integrar com coerência os recursos tecnológicos, ajuda a promover uma educação mais acessível e inclusiva, favorecendo os educandos a interagir na produção do seu próprio conhecimento. Rute, por sua vez, defende que essa introdução digital carrega desafios sobre como desenvolver habilidades cognitivas mais complexas e cabe à escola descobrir a melhor maneira de fazê-las surgirem.

Percebe-se, então que a escola tem uma tarefa desafiadora ao exercício de sua responsabilidade perante a sociedade informatizada. Não é à toa que Freire (1996) diz que o professor precisa ser claro na sua prática pedagógica, deve ser conhecedor das diferentes dimensões que definem essa prática e que isso trará o êxito no seu desempenho. Contudo, a eficiência em usar a tecnologia como método didático ainda caminha devagar, levando em consideração o que falaram as professoras na entrevista.

Débora relatou que não conhece em detalhes, nem sabe como funciona o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), mas que através de pequenas pesquisas na internet, percebeu que se trata de um recurso multimídia variado e que ficou interessada em obter mais informações. Também que, mesmo não tendo muito conhecimento sobre ele, acredita que é possível que este sirva de apoio à alfabetização, além de levar os educadores e educandos ao letramento digital, porque traz o lúdico com uma variedade de possibilidades às descobertas: bibliotecas digitais, espaço para que o aluno faça seu próprio acompanhamento, materiais de estudo, comunicação em tempo real etc.

Francisca desabafou: “Só ouvi falar nesse recurso; infelizmente, é uma plataforma que nunca acessei e não sei como funciona.” Relatou que Conhece alguns colegas que já utilizaram, mas de maneira rudimentar, porém que apesar disso, deu pra perceber que, se bem utilizado, por conhecedores, é sim um método que pode ajudar bastante no processo de alfabetização na língua materna, que leva ao conhecimento digital. Rute diz conhecê-lo e concorda que, pelo fato de ser inovador e dinâmico, chama a atenção os educandos, permitindo espaço para que o professor se esforce em conduzir bem o didático-pedagógico escolar e o digital tão atraente ao público variado da escola pública e que dessa forma, é uma ferramenta de alfabetização e/ou letramento digital e linguístico.

Quanto à parcela de contribuição dada aos professores pela educação básica pública para que tenham habilidade ao utilizar as novas tecnologias em suas aulas, as falas das professoras Débora e Rute se entrelaçaram, pois disseram que esta contribuição ainda é discreta, mas que aos poucos vão se introduzindo alguns recursos digitais, como exemplo os diários eletrônicos que instigam os professores a fazer parte do universo tecnológico. Rute acrescentou que a responsabilidade do professor diante das novas tecnologias é mais do que ensinar, é possibilitar não só o acesso, mas especialmente, acompanhar, viabilizando a discussão, a troca de ideias e experiências para a aquisição do conhecimento.

Francisca discordou ao memorar o cenário pandêmico de Covid-19, a julgar que o corpo docente, no contexto geral, apresentou bastantes dificuldades em ofertar aos estudantes as aulas remotas. Outrossim, a maioria dos docentes não dominava os mecanismos eletrônicos e também não possuía aparelhos adequados para gravar e enviar videoaulas com qualidade.

Sob esse paradigma Demo (2008) adverte que o professor é insubstituível; que ele é a tecnologia das tecnologias e que, portanto, precisa fazer jus à sua importância porque tudo o que há de mudanças na escola passa por suas mãos; que ele precisa ser cuidado, ou seja, orientado, por ser a figura fundamental e mais atuante com os alunos e um influenciador dos seus avanços cognitivos. Sem a mediação do professor a existência da tecnologia na escola é ineficaz à aprendizagem escolar.

Referindo-se às escolas as quais lecionam, foram unânimes em dizer que a rede de internet oferecida é ineficiente, já que não abrange a extensão da escola. Francisca complementou afirmando que, até para utilizar o diário eletrônico os professores têm que recorrer aos dados móveis dos seus smartphones, se quiserem realizar o trabalho burocrático simultâneo a aula.

Rute concorda que o uso da tecnologia, especificamente o AVA pode ser um aparato à alfabetização e/ou letramento na língua materna dos discentes, através de jogos educativos, músicas, recursos lúdicos, entre outros; no entanto, diz não se poder utilizá-lo sem um planejamento bem elaborado e consciente para que não se torne um usar por usar, por isso, o professor precisa apoderar-se desse recurso. Débora e Francisca concordaram; esta, apesar de nunca tê-lo acessado, acredita que o tecnológico atrai os estudantes, fato que coadjuva o seu êxito; aquela, embora reafirmasse não conhecê-lo bem, isso porque ficou impressionada com as vastas possibilidades interativas que ele denota.

Para que o AVA seja utilizado como método de aperfeiçoamento no processo significativo de ensino-aprendizagem na escola onde leciona, Rute apontou ser primordial que os professores se ajustem às diferentes tecnologias de informação e de comunicação, reciclando seus conhecimentos para integrá-los à sua prática educativa, por meio do abarque à leitura, à produção escrita e à releitura, incluindo o enfoque interdisciplinar com outros componentes curriculares.

Débora sugeriu que o AVA fosse apresentado aos professores por profissionais que já utilizam e vivem nesse ambiente virtual. Em seguida, que os professores façam um esforço para se familiarizar com esse recurso multimídia, observando seus pontos positivos e negativos, para um melhor aproveitamento e, por conseguinte, solicitar que a Secretaria Municipal de Educação introduza um percentual de aulas virtuais no Projeto Político Pedagógico das escolas públicas municipais, com a finalidade de incluir os discentes ao mundo globalizado, digital e avançando em mudanças e instantâneas informações.

Francisca expôs que houvesse mais investimentos das políticas públicas, em recursos tecnológicos básicos, a saber, laboratório de informática, ter acesso à internet que atenda às necessidades da escola, Datashow, dentre outros. Ademais, formação eficiente aos profissionais da educação.

Ante o que fora sinalizado e com o aporte de Moran (2000), pode-se apreender que é razoável utilizar a tecnologia como diferencial nas metodologias das salas de aula para que se integrem aos conteúdos a serem ministrados, sejam eles de leitura, escrita, de trabalhos orais ou audiovisuais, todavia sem que haja a necessidade de abandonar os meios tecnológicos já conhecidos por causa das tecnologias telemáticas⁵. De fato não é uma questão de substituição e sim de diversificar e interligar o ensinar; as tecnologias devem ser instrumentos facilitadores do aprendizado, se utilizadas por profissionais habilitados e responsáveis com a sua profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que se vive numa nova sociedade: a da era digital. Existem sujeitos que se adaptam à tecnologia e aqueles que nela nasceram, isto é, os nativos digitais. Seja como for, o cidadão contemporâneo necessita dos meios tecnológicos para realizar as mais variadas atividades diárias. Entretenimento, trabalho, comunicação com familiares, amigos e até

⁵Segundo o Dicionário Online de Português telemática é conjunto de serviços informáticos fornecidos através de uma rede de telecomunicações.

desconhecidos, caso haja necessidade; são apenas alguns exemplos da utilidade que esses mecanismos possibilitam.

Sob essa concepção Lévy (2008) afirma ser possível que, na medida certa, as Tecnologias da Informação e Comunicação estruturam não só um novo pensar pedagógico, mas também novas relações sociais que propaguem a chamada Cibercultura⁶.

As entrevistas realizadas com professoras da educação pública básica só confirmaram que o uso das tecnologias, sobretudo do AVA como método didático é relevante na perspectiva do letramento digital e é um possível mecanismo à alfabetização e/ou letramento na língua materna, desde que bem direcionado e utilizado com equilíbrio por profissionais habilitados.

Por isso, pensar no AVA como um mecanismo inovador do processo de ensino-aprendizagem qualitativo na educação básica pública não é utópico, no entanto, conforme as discussões nesta pesquisa mostram, fazem-se necessárias políticas públicas eficazes voltadas à melhoria dos recursos tecnológicos nas escolas, desde uma rede de internet satisfatória às necessidades, sobretudo dos educadores e dos educandos, até materiais de apoio como computadores ou tablets e formação continuada para professores na área da tecnologia.

Todas essas ações unidas ao desejo de fazer acontecer do professor como mediador do conhecimento tornará possível que a aprendizagem do uso coerente e equilibrado dos meios tecnológicos e do Ambiente Virtual de Aprendizagem aconteça, e, em contrapartida, propiciará aos estudantes da educação básica pública também o conhecimento com respeito à leitura e à escrita da língua portuguesa tal qual Ferreiro (2010) que conceitua a escrita como estando além de marcas gráficas feitas pelas crianças, fala de interpretação dessas marcas, configurando a compreensão de diferentes tipos e graus de complexidade de mensagens, supondo que assim sendo tem o conhecimento da língua escrita com seus múltiplos usos sociais.

À face do exposto em toda a discussão abordada nesta pesquisa pode-se reafirmar que o AVA é sim um mecanismo inovador que poderá auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da educação básica pública, com o objetivo de letramentos (digital e linguístico), desde que bem direcionado por professores habilitados, com o apoio de políticas públicas de ações definidas e melhor estruturadas; entretanto os estudantes também devem

⁶De acordo com o dicionário online de português, cibercultura é a reunião de padrões, produtos, comportamentos ou valores, que são compartilhados na Internet. Também é a condição social influenciada pelo uso contínuo de computadores, para a comunicação, diversão ou negócios.

ser persuadidos a utilizarem as novas tecnologias no ambiente escolar apenas para fins pedagógicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. (2004). **Tecnologia e educação à distância: abordagens e contribuições dos ambientes digitais e interativos de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/mariaelizabethalmeida.rtf> Acesso em: 19 abril. 2017.

_____. **Tecnologias digitais na educação: o futuro é hoje**. In: **Encontro de educação e tecnologias de informação**, 5, 2007. Anais..., 2007. Disponível em: . Acesso em: 18 jul. 2012.

ARAÚJO, SP de et al. **Tecnologia na Educação: Contexto Histórico. Papel e Diversidade**. IV Jornada de Didática e III Seminário de Pesquisa do CEMAD, v. 40, p. 920-928, 2017.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ano 175, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 maio 2021.

CITELLI, Adilson O. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006

COSTA, Renata Maria Silva. **Avaliação de Interatividade em Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem Com Base no Design Gráfico e na Engenharia de Software (Educativo)**. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu em Design, Design, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/mariaelizabethalmeida.rtf> Acesso em: 19 abril. 2017

DARODA, R. F. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea**. 2012. 122f. Dissertação (Dissertação em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura da UFRS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

DEMO, Pedro. **Os desafios da linguagem do século XXI para a aprendizagem da escola**. 2008. Disponível em: http://www.notiao.com.br/noticia-detalle/_Pedro-Demo-aborda-os-desafios-da-linguagem-no-seculo-XXI Acesso em: 30 de out. 2023

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 16ª edição. – São Paulo: Cortez, 2010

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

MEDEIROS, Joao Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MORAN, José Manuel. **Ensino híbrido: equilíbrio entre a aprendizagem individual e a grupal**. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 9, Recife, 2015a. Anais... Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

_____. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M, MASETTO, M. T. & BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Papirus Editora. Campinas 2000.

PEREIRA, A. T. C.; SCHMITT, Valdenise; DIAS, M. R. Á. C.. Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: PEREIRA, A. T. C. (org). **Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Em Diferentes Contextos**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2007.

QUEIROZ, C. T. A. P.; MOITA, F. M. G. S. C. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação**. Campina Grande, Natal: UEPB/UFRN, 2007.

RAMAL, Andrea Cecilia. Educação e Novas tecnologias: A Pedagogia Inaciana num novo ambiente de aprendizagem. In: OSOWSKI, Cecilia (Org.) **Provocações da Sala de Aula**. São Paulo: Loyola, 1999

RIBAS, D. **A docência no Ensino Superior e as novas tecnologias**. Revista Eletrônica Latu Sensu, ano 3, n. 1, mar. 2008. Disponível em: . Acesso em: 02 jun. 2012.

STREY, M. N e KAPITANSKI, R. C. **Educação & Internet**. São Leopoldo, Sinodal, 2011.

VALENTE, José Armando. Prefácio. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando Mello (Org.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 15-18

_____. **Tecnologia e educação [recurso eletrônico]: passado, presente e o que está por vir** / organizado por: José Armando Valente, Fernanda Maria Pereira Freire e Flávia Linhalis Arantes. – Campinas, SP : NIED/UNICAMP, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª edição. (Coleção TRANS). São Paulo: Editora 34, 1999/264p.

_____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: 34, 2008b.